

442/100
10

A' MEMORIA

D A

AUGUSTISSIMA SENHORA
DONA MARIA PRIMEIRA,
RAINHA DE PORTUGAL,
DO BRASIL, E DOS ALGARVES,

FALLECIDA, COM ETERNA SAUDADE DO SEU POVO,
AOS 20 DE MARÇO DE 1816.

E P I C E D I O.

QUE doloroso pranto em meus sentidos
Subito infunde lúgubre tristeza,
E me abate o vigor!... que voz escuto!...
Oh Ceos! oh justos Ceos! já não existe
A ternissima Mãi dos Portuguezes!...
Ah! MARIA PRIMEIRA já não vive,
Não vive entre os mortaes, he já dos Justos
Companheira feliz na Eternidade!

Em vão, alma sublime, esta lembrança
Adoçar buscará nossos pezares;
Não póde, não, vencer-se a Natureza

*

Co' as frouxas armas da razão singella.
 Perdêrão huma Mãi os Portuguezes,
 E a perda de huma Mãi será sentida,
 Em quanto Mundo houver, por seus bõs filhos;
 E muito mais se a adornão mil virtudes,
 Quaes em ti admirava respeitoso
 O Orbe, onde o teu Nome resoava,
 Como o de quem modêlo de piedade
 Soube unir a modêlo de Reinantes!

Pranteia Portugal huma Mãi terna!
 Seu mesmo Filho Augusto, que o seu Sceptro
 Empunha magestoso, inda não pôde
 Achar consolação! Desfeito em pranto
 Eu o contemplo, occulto aos olhos todos,
 A' Natureza dar o que não rouba
 Jámais á Natureza hum Filho ingenuo!
 Debalde clamas, ó Filosofia!
 Eu mesmo que seguia os teus dictames,
 E ufano me julgava em bronze envolto.
 Contra os acintes da cruenta Sorte,
 Eu mesmo hoje em mim vejo que não valem
 Hum átomo essas maximas pomposas
 Para as almas que o Ceo formou sensiveis,
 E a quem beneficencia impõe deveres,
 Que imprescriptivel gratidão exigem.

Deo-me Lisboa o berço, e já reinavas
 Por annos quatro, ó inclyta Sob'rana :
 Inda apenas das faxas me soltára,
 E já, em meus ouvidos escutando
 Das sublimes acções que praticavas
 O éco suavissimo, em meu peito,
 Como insensivelmente, hum doce affecto
 A' tua Augusta Magestade ardia.
 Fui crescendo, e observando o teu Reinado
 Tanto felicitar a Patria minha,
 Sentia n'alma, ainda em verdes annos,
 Vivo desejo de que eterna fosses.

Ah! pouco o Ceo tardou em dar aos Lusos
 De acerba dor motivo lastimoso!
 Inda presente na memoria dura
 Essa época fatal de magoa e pranto!
 Com mihas mãos mil vezes alimpando
 As lagrimas dos olhos me encontrarão
 Meus carinhosos Pais, quando Lisboa,
 E o Reino todo, aos Ceos ardentes votos
 Fazião para vêr restituida
 A saude á Sob'rana, que adoravão!
 Se então da Natureza mero impulso
 Em minha alma esta dôr nascer fazia,
 Qual me houvera rasgado, Augusta, o peito

Quando, á Patria arrancada, orfão deixaste
 O teu querido Povo, (e a nossos olhos
 Eclipsada, brilhar álem do Oceano
 Foste em paizes, ah! mais venturosos!)
 Se neste passo o Ceo me não mostrára
 Da Lusitana liberdade a origem!
 Porém agora!... O' féretro, que guardas
 Os frios restos da RAINHA excelsa,
 Hes, hes mais venturoso que os seus Povos!
 Contens, abraças precias cinzas
 De hũa Augusta qu'honrou a Patria, o Throno;
 E elles nem sequer gozão seus despojos!
 Espirito sublime, que ante o Solio
 Da immensa Magestade hoje triumphas,
 Eia, volve do Empyreo brandos olhos
 Ao triste Imperio Portuguez na Terra;
 Consolação alcança a tantos filhos,
 Que, abysmados em dôr, razão não sentem,
 Que possa aliviar a magoa sua.
 Seu pranto mais ainda se redobra
 Lembrando-lhe a piedade que exercias,
 Valendo ao infeliz pupillo, e a quantos
 A injusta Sorte desgraçar podéra,
 Se contra seus rigores não se armára
 A caridade de teu peito augusto.

Ah! quantos, opulentos hoje, e claros
 Nas Artes, nas Sciencias, jazerião
 Incognitos na mais humilde plebe,
 Se a tua mão piedosa os não tirára
 Das garras da indigencia e da desgraça!

Oh! quanto a saudade nossa he justa!
 De piedade hum portento em nossos dias
 Gozámos sobre a Terra! Era da Gloria!
 E hum Deos, que ao Povo Luso o concedêra,
 Quiz á eterna mansão restituillo.
 Lá mesmo onde c'roada de hum diadema
 Mais nobre, mais augusto que os da Terra,
 Os Justos admirados acolhião
 De MARIA PRIMEIRA a alma ditosa,
 Me afiguro Izabel maravilhada,
 (E Mafalda, Joanna, e Sancha exultão,)
 Ao vêr entrar aquella que do Eterno
 Ao Coração sagrado edificára
 Primeiro sobre a Terra hum Templo augusto,
 E no Orbe o culto seu nascer fizera!
 Attonita a contempla, qual prodigio,
 A mesma que o ser deu a Constantino.
 Inda presentes tem (como entre os Lusos
 Inextinguivel dura esta memoria)
 O profundo pezar, a aguda setta

*Referencia á
 Casa da
 em. P. de J. de
 hum. de
 1781*

Que o coração piedoso lhe rasgára,
 Quando, por ímpias mãos, do Eterno ouvira
 Fôra desacatada a Magestade!
 Que enternecida scena!... Em negro luto,
 A pé, de compunção passado o peito,
 Penitente caminha, (o Regio Esposo,
 E a Familia Real indo a seu ladó),
 Em desaggravo áquelle ultraje infame,
 Que talvez submergira a Terra em cahos,
 Se hum Deos de piedade nos não dera
 Nesta Augusta RAINHA de humildade
 Hum precioso penhor, que suspendesse
 Do Omnipotente o braço justicoso.

Hoje, ó morte cruel, nos tens privado
 De huma tal Protectora!... A Europa a chora,
 A Europa que em MARIA achou modelo,
 Não só da de reinar difficil arte,
 Mas da mais pura fé nas allianças,
 Nos tratados da Paz; (que nunca a Guerra
 Pôde com torvo aspecto avizinhar-se
 Aos Lusos lares, nem chamar ás armas
 Hum Povo, que o seu Sceptro protegia.)
 Hoje as Artes a chorão, e as Sciencias,
 Como quando hum Luiz Quatorze á França
 Arrebatou a crua Libitina!

Quem pôde consolar-nos? ... Só tu mesma,
 O' Grande, ó Immortal RAINHA ... O pranto
 Enxuga universal, rogando ao Eterno,
 Não que apague entre nós tua memoria;
 Que isto fôra pedir ao Justo o injusto;
 Mas que nossa saudade modifique,
 Que á razão restitua em nossas almas
 O dominio que a dôr lhe tem roubado ...
 Sim, sim, o teu amor aos Portuguezes
 Eu sinto prevenir tão justo rogo;
 Já da amargura o mar, em que jazia
 Submerso o Povo teu, mais bonançoso
 O deixa da razão vingar o porto.
 Hum pouco mais tranquilla, já minha alma
 Sinto, illustrada de celeste influxo,
 Resignada ao Decreto que na Gloria
 A palma te quiz dar de teus triunfos,
 Não quaes só Ambição trofeos acclama,
 Mas quaes Religião sómente approva.
 Parece-me deviso nos semblantes
 Dos Portuguezes o suave effeito
 De hum celeste voz ... he de MARIA! ...
 „Tendes, querido Povo, no meu Filho,
 „E vós as conheceis, iguaes virtudes;
 „Seu Sceptro ha de reger-vos sêpre em gloria,

„E em paz, quanto o consinta a honra, o brio;
 „Nelle de Pai o amor haveis achado,
 „Elle por todos vós prezado seja.
 „O Meu JOÃO, de Mim herdando o Sceptro,
 „Herdou Minha ternura aos Portuguezes:
 „Sei qu' em vós hade achar, mais qu' Vassallos,
 „Bem como Eu encontrei, amantes Filhos.,,

Por Joaquim José Pedro Lopes, R. da G. de L.

LISBOA:
 NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1816.

Com Licença.